

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

Alvino Moraes de Amorim¹
Luiz Claudio da Silva²

RESUMO

No âmbito escolar, para haver uma educação igualitária, o primordial se constitui no estabelecimento das boas relações envolvendo o educando, a comunidade escolar, o corpo docente e demais colaboradores que compõem a escola. Na sala de aula, atitude de reciprocidade é o ponto de partida em conjunto com os alunos para dar o primeiro passo para se obter uma boa convivência, primando por um relacionamento saudável, confiável. O relacionamento construído na base da confiança como parte de uma educação libertadora é a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional, uma vez que conseguimos ensinar melhor quando existe o respeito mútuo entre educador e educando.

Palavras-Chave: Relações. Espaço. Escolar. Valores. Ensino e Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Falar das relações na escola é, num primeiro momento, tão desafiador quanto interpretar as manifestações culturais relações estas que se entrelaça na cultura revelando a todo o momento através dos gestos, da linguagem, das expressões feitas a cada dia pelo indivíduo que é ao mesmo tempo amado, falante, sensível, experiente e aberto.

Observando as relações que são construídas no interior da Escola, percebemos a tendência dos conjuntos que compõe a política, a economia e a sociedade numa práxis desumanizadora onde comprometem os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Numa perspectiva multidimensional contrária ao caráter mono cultural, Candau (2000) afirma sobre a diversidade cultural nas Escolas que deve “tratar de articular igualdade

1Graduado em Filosofia, prof. da Rede Federal De Ensino , Instituto Federal de Rondônia Campus Vilhena. Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE

2- Graduado em Matemática prof. Da rede federal de ensino, Instituto Federa de Rondônia, Campus Colorado do Oeste. Mestrando em produção animal pela Universidade Brasil.

e diferença”. “Durante muito tempo a cultura escolar se configurou a partir da ênfase na questão da igualdade, o que significou, na prática, a afirmação da hegemonia de um determinado modo de concebê-la, considerando universal.” (CANDAUI, 2000, 158).

Pensar a igualdade e diferença na esfera social é buscar junto a comunidade política o bem-estar dos cidadãos que é parte desta comunidade na riqueza de sermos diferentes vamos buscando nossa autoafirmação como seres autônomo para pensarmos e tomarmos uma atitude afim de que os valores sejam consolidados. Partimos para a observação nas Escolas a fim de verificar a padronização naquele espaço escolar que, por sua vez, não dá abertura para a manifestação do diferente. Estamos passando por uma crise na esfera educacional, porque a educação deve iluminar o nosso caminho para tomarmos decisão e chamar para a responsabilidade de todos que vivem em comunidade.

Já fizemos debates, apontamos caminhos, tiramos conclusões em nossos estudos sobre onde está a lacuna não preenchida, talvez na atitude afirmada por Freire ao “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva e capaz de amar.” (FREIRE, 1996, p. 41).

Porém, ao assumirmos a nossa condição de seres transformadores, teremos que deixar o outro também se manifestar na sua singularidade cultural, seu jeito de ver e apreender o novo, ressignificando os saberes para sua vivência assim, nós estaremos construindo um ensino com reconhecimento da identidade cultural numa relação dialógica. É evidente como já refletimos em nossos encontros a nossa formação, tem que necessariamente passar pelo exercício da criticidade com curiosidade epistemológica, com emoções, sensibilidade e afetividade.

2. O ESPAÇO ESCOLAR E SUAS MANIFESTAÇÕES

Entender o espaço escolar como manifestação cultural é encontrar e propor experiências que nos levam a criar possibilidades para produção ou construção do conhecimento por sujeitos que fazem uso de suas razões política, religiosa e ética para orientar sua prática. O que observamos hoje é certo grau de xenofobia ao outro que é diferente, percebemos nas escolhas dos textos trabalhados em sala de aula a tendência para disseminar a ideia de superioridade de uma cultura sobre a outra. Não conseguiremos transformar o olhar do outro, se este não nos apropriarmos do saber com capacidade de criar significados, de sonhar e desejar. A importância dos conteúdos chegarem próximos da história de vida dos atores envolvidos no processo do ensino-aprendizagem é fundamental a fim de que estes na sua existência reelaborem suas práticas, teorias e valores que são explicitadas nas maneiras de pensar e agir.

Martin Heidegger chama a atenção para o “mundo do man” “Veste-se, Come-se, pensa-se, não como cada um gostaria de se vestir, comer ou pensar, mas como a maioria faz.” A massificação é a aceitação sem reflexão crítica de valores impostos pelo grupo social dominante tais como: individualismo, o consumismo, sentimento de insatisfação e competição, nesse contexto nós, educadores, devemos desconstruir, pois é possível formar uma sociedade que tenha mais cuidado com o outro e a educação é fundamental para a realização dessa transformação social.

Encontramo-nos num ambiente onde vemos as pessoas por um mesmo ponto, não possibilitando espaço para a diferença, desta maneira corremos o risco de atuar de maneira equivocada e preconceituosa, daí a constatação da arrogância e intolerância, a diferença entre se este aprende e aquele não, porque é negro, índio, pobre ou não tem família. Nesta perspectiva, o espaço escolar não será transformador e criativo, capaz de criar e recriar significados. É hora de colocar em ação a crítica e o estranhamento já constatados por Paulo Freire “Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la ao outro, mas dialogar com o outro sobre a sua e a nossa visão. Temos que estar convencido de que a sua visão de

mundo se manifesta nas várias formas de sua ação, refletindo sua situação no mundo, em que se constitui.” (FREIRE p. 87).

Quando usamos a justificativa da dificuldade de aprendizagem baseada na cultura, situações sociais e familiares estão afirmando que o fracasso do outro é só dele, pois, fizemos de tudo e ele não conseguiu aprender. Bertold Brecht nos impele com seu poema “Nós pedimos com insistência: não digam nunca: isso é natural, diante dos acontecimentos de cada dia. Numa época em que reina a confusão. Em que corre sangue, em que se ordena a desordem, em que o arbitrário tem força de lei, em que a humanidade se desumaniza. Não diga nunca isso é natural.” (COUTRIN, 2011).

O espaço Escolar deve ser lugar privilegiado de viver a diferença e também, de provocar mudanças significativas em nós, de sabermos que não estamos prontos, estamos em formação, permeados pelos conflitos, tristezas, dor, raiva, mas também de alegria e amor. As conquistas conseguidas até aqui foram feitas quando tivemos a coragem de rever nossas práticas, analisar relações, reavaliar o ambiente de sala de aula e refletindo sobre a dinâmica escolar entenderemos a riqueza das diferenças.

Refletir sobre a Escola é saber que a mesma nos impele a reconstruir caminhos, a estar articulado com nossos princípios de transformação social e questionar afirmações como “Dentro de minha sala, faço o que eu quero”. Merleau Ponty adverte que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. O autor nos leva a pensar e a perceber que não podemos atuar como seres desconectados de nosso tempo, precisamos aproximar de nossos alunos. Diante desta perspectiva, França (2010) afirma que “é preciso construir uma nova geração de pessoas, professores, alunos marcados por um processo de qualificação que nos leve a transcender o domínio de qualquer especialidade, colocando em destaque aspectos e características como a postura, o olhar, os sentimentos, as emoções, as relações e o compromisso de uns com os outros” (p.48). Acreditamos que as pesquisas ao saírem das Escolas devem retornar para a sua origem, ou seja, as práxis pedagógicas.

Penso que os projetos políticos pedagógicos, ao afirmarem que a missão da Escola é formar cidadãos, e estes devem caminhar com sua autonomia livres de manipulações externas e que consigam ter a capacidade de pensar e examinar criticamente as ideias que lhes são apresentadas, bem como a realidade social que compartilham. Para atingirmos esses objetivos devemos e podemos experimentar teorias e vivenciar ações mesmo quando consideradas utópicas. O compromisso com o outro pode ser vivenciado em todos os níveis: professor com professor, alunos com alunos, professores com alunos, diretor com coordenadores, diretor com alunos, coordenadores com professores, temos a possibilidade de muitos conjuntos, no qual não exista o melhor ou o pior, mas sim o diferente. Permanecer insensível ao outro que faz parte do nosso cotidiano é uma forma de monstruosidade, as relações humanas devem ter lugar especial no projeto pedagógico das escolas, pois só nós humanos podemos ser éticos.

A Escola, enquanto instituição social é responsável pela educação formal das gerações que se sucedem e tem como objetivo principal o processo ensino-aprendizagem que leva em consideração ações de formação e informação nos ambientes das salas de aulas, enfatizamos que o espaço escolar é composto por uma multiplicidade de sujeitos que trazem nas suas histórias de vida, jeitos singulares de se expressar alegre, irrequieto, carente, sofrido, que se prepara para receber o outro, a diversidade não pode ser ignorada, tem que ser respeitada para, numa relação dialógica, construirmos juntos o saber.

Na prática educativa é importante propiciar condições em que alunos e professores, em suas relações, busquem experiências profundas de assumirem-se com palavras e gestos. Freire (2007) destaca o que deve permear nossa ação pedagógica:

[...] Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a

outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. [...] De um lado, a compreensão mecanicista da História, que reduz a consciência a puro reflexo da materialidade, e de outro, o subjetivismo idealista, que hipertrofia o papel da consciência no acontecer histórico. Nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos. (FREIRE, 1996, p.61).

Somos surpreendidos quando alguém que diz combater o racismo é questionado se conhece Odimiro e afirma: “conheço, é Índio, mas é competente”. Nos conselhos de classes vivenciamos essas situações constantemente e isso demonstra que nós não nos humanizamos no sentido freiriano é o Homem como um ser no mundo se interrelacionando o suficiente para aceitar a diversidade de culturas e valores presentes no espaço escolar. Tal comportamento não leva os alunos a uma prática de comparar, ajuizar, decidir e escolher, mas sim de levá-lo a negar sua identidade.

Podemos explicitar nossas opiniões, mas temos que assumi-la e não utilizar justificativas históricas e culturais que veladamente tentam justificar a superioridade de uns em relação a outros. Devo respeitar o outro que está na minha frente, faz parte do cotidiano que leva a enxergar o diferente, permitindo navegar em diferentes momentos da vida que se entrelaçam no comprometimento de cuidar do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos das dificuldades apresentadas por nós educadores para atender as diferenças de nossas salas de aulas e acabamos rotulando alunos entre “bons” e “ruins”, erramos por não conseguirmos entender a diferença e por tendermos a homogeneizar o grupo, nessa relação percebemos que não podemos ser cidadãos sozinhos, precisamos do outro para “aprender a ser” e esse outro diferente deve estar incluído no nosso espaço escolar, na família e na sociedade. A imagem de si mesmo, a concepção que cada um de nós tem de si mesmo só é possível diante do outro.

Será que nosso espaço escolar e os conteúdos ministrados estão contribuindo para fazermos a diferença na sala de aula, no nosso bairro, na nossa cidade e País? Não temos ainda a coragem e autenticidade para assumirmos a condução de nossas atitudes, que possibilite viver o novo, enriquecer e transformar nossa primeira concepção de mundo, nossos significados, relações e interações com o meio e o outro.

O mundo das palavras no espaço familiar representa um dos primeiros espaços de aprendizagem para a construção de significados e de leituras. Traz consigo a afetividade e então nós já temos leitura de mundo ao chegar à Escola que deve ser levada em consideração na sua história de vida construída até então. Os educadores ao perceberem a desqualificação devem buscar a historicidade daquele que age com discriminação para a partir daí construir valores que respeitem as diferenças. Na riqueza cultural em que são compostas nossas escolas, o desafio é ensinar a ler o mundo sem desvincular da vida, podemos fazer aqui referência ao mito da caverna de Platão e então os educadores deverão tomar consciência que o mundo continua mantendo homens e mulheres prisioneiros aqui e ali. É fundamental que a Escola busque entender como funciona a política, a economia para ajudar os educandos no despertar da vontade de romper com as mazelas existentes no cotidiano e seguir um rumo de ser livre formando conceitos para não viver na sombra mas iluminado com o conhecimento que a Escola possibilitou construir na perspectivas que se apresenta com nossos valores, desejos, sonhos e experiências de vida. Nós nascemos para nos manifestar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria **Sociedade Multicultural e Educação: Tensões e Desafios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COUTRIN, Gilberto **Fundamentos de Filosofia**, São Paulo: Saraiva, 2010.

FRANÇA, Cecília de Campos **O eu e o outro na escola: para incluir a história e a cultura dos povos Indígenas na Escola.** Cuiabá, EDO,2010.

FREIRE, Fátima **Quem Educa Marca o Corpo das contribuições Outro,** São Paulo Cortez 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** São Paulo: Paz e terra 1996.

GRANDO, B. S, e AUGUSTO, L. Passos (org.) **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos Indígenas na Escola.** Cuiabá, EDO, 2010.

SONIA, Simões Colombo, e PAULO A. Gomes Cardim e Colaboradores, **Nos Bastidores da Educação Brasileira,** Porto Alegre, Artmed, 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARIA, Helena Píeres **Filosofando** São Paulo, Moderna, 2003.